

## PROJETO MANUEL CORREIA DE ANDRADE (IEB-USP)

Aula aberta online apresentada por: **Larissa Lira**

Data: 23/02/2023

Gravação: áudio

Duração da aula: 51 min

Transcrição adaptada realizada por: Stefany Cardoso

### **A formação da Escola Paulista de Geografia**

Pierre Monbeig, alguns de vocês talvez tenham ouvido falar ou não, é um geógrafo francês que veio ao Brasil em 1935 e aqui ficou por 11 anos para fundar a Cadeira de Geografia na Universidade de São Paulo.

Como deve ser um público misto, alguns são geógrafos, outros não, eu vou tentar ser o mais explicativa possível em alguns conceitos da Geografia. Mas enfim, espero que eu seja suficientemente didática. E nessa palestra, nesta aula aberta, a gente pensou em falar então sobre a formação da escola Paulista de Geografia, só no final eu vou fazer algumas pequenas considerações sobre o Manuel Correia de Andrade porque eu não sou uma grande especialista no Manuel, li só algumas obras mas não em termos de aprofundamento e estudo.

Então hoje eu vou falar basicamente dos mestres do Pierre Monbeig na França, do Pierre Monbeig e de alguns alunos do Pierre Monbeig no Brasil, que são o João Dias da Silveira, a Maria Conceição Vicente de Carvalho e a Nice Lecocq-Muller. Então é sobre esse conjunto de personagens que talvez a gente possa ter atribuído o fato de terem dado os primeiros passos na Escola Paulista de Geografia seguido por outros grandes intelectuais, como a Léa Goldenstein que a gente tem aqui a presença ilustre e que infelizmente eu também não vou conseguir dar conta nessa palestra de hoje.

Então o título da minha palestra é "A formação da Escola Paulista de Geografia" e eu vou tentar mostrar então... A minha abordagem, só um rápido parênteses, é uma geo-história dos saberes então eu trabalho na escala do Globo e também numa longa duração. É um método inspirado no historiador Fernand Braudel, Fernand Braudel que também deu aula aqui na Universidade de São Paulo, então eu penso sempre a história nos grandes quadros e no tempo longo.

Então eu vou tentar mostrar como o Pierre Monbeig e seus alunos, a partir dos seus mestres, construíram os principais princípios geográficos desde a França quando o Vidal de La Blache, o geógrafo francês Vidal de La Blache, consolidou a Geografia Moderna na Europa Continental até o Brasil com foco na Universidade de São Paulo, então quando Pierre Monbeig ajudou a construir o que eles chamavam na

época de um movimento geográfico brasileiro. Então tinha todo um espírito missionário, digamos assim, na formação da Escola Paulista de Geografia. Uma escola Paulista que, apesar de não ser a capital do Brasil, se alçava como a capital cultural do Brasil, se colocava no papel de pensar o Brasil e formar geógrafos a altura dessa tarefa de formação da Geografia Brasileira.

A minha abordagem vai misturar aspectos contextuais, do contexto da época, das questões políticas, enfim, econômicas talvez, com aspectos racionalistas. Ou seja, eu vou tentar entrar um pouco na metodologia da ciência geográfica, nas suas estruturas causais na maneira como a Geografia de fato organiza teoricamente o mundo.

Eu já defendi em um artigo publicado recentemente na Transactions of the Institute of British Geographers que construir uma escola geográfica é também construir um tipo de razão e nesse sentido eu vou um pouco na contramão de pensar que a ciência tem uma só razão e que ela não muda de acordo com os países, o que dialoga de alguma maneira com essa abordagem decolonial de pensar epistemologias do sul, epistemologias próprias da periferia. Então, eu falo, vou tangenciar essa abordagem. E também pouco se fala das razões geográficas, das formas causais da Geografia como se a geografia não tivesse formas causais próprias, como se ela fosse excessivamente descritiva, como se ela não tivesse uma matriz teórica sólida. Então eu vou falar um pouco disso.

Bom Geografia Moderna é, como a gente vai falar, o conceito de fundação da Geografia Moderna diz respeito à entrada das geografias nas universidades no fim do século XIX em países como a Alemanha, a França e depois os Estados Unidos a partir de 1870. Esse conceito de Geografia Moderna que surge no final do século XIX tem a ver com um movimento na Europa Continental de tirar a Geografia como auxiliar da História, como se ela fosse um palco em que aconteciam os acontecimentos históricos, uma paisagem, um palco neutro, e pensar que o espaço e os processos sociais possuem relações causais. Ou seja, há fatos geográficos que são causa de fatos sociais.

Então era não a Geografia como um palco, mas a Geografia como um fator de determinação. Isso não tem necessariamente a ver com determinismo geográfico. Eu vou mostrar por quê, porque na verdade existem diversas formas de relações causais. Elas podem ser relações causais necessárias, ou seja, deterministas, ou seja, um fato geográfico “A” sempre vai ter uma consequência “B”, mas elas podem também ser possibilistas ou contextuais. Vou falar um pouco mais disso, daqui um pouco mais pra frente.

Bom, então a partir de 1930, ensaia-se também construir uma Geografia Moderna no Brasil. Antes de entrar no tema propriamente dito eu gostaria de salientar que há uma longa duração filosófica do pensamento geográfico global e que o Brasil

participa de alguma forma, eu sustento, definindo uma razão geográfica própria do Brasil.

Na década de 1870 o pensamento geográfico já tinha passado por transformações importantes, aqui eu tomo um recuo, um recuo posterior. Então o período que eu vou me referir nesta palestra, de 1935 a 1940 e 42, mas que é justamente o período em que surgem as principais escolas, no caso do Brasil, e que o Brasil participa desse movimento de afloramento dessas principais lógicas geográficas.

Mas em 1970, tomando um recuo, não só as alternativas geográficas epistemológicas estavam consolidadas, como também uma interpretação do que seria a longa duração da Geografia. O que que o pensamento geográfico contribui na sua longa história, digamos assim. Para começar a falar das alternativas epistemológicas que estavam consolidadas em 1970 e que, eu sustento, começaram a aparecer no final do século XIX a 1942.

A primeira alternativa geográfica era uma abordagem ecológica da Geografia que nós vamos analisar como a principal vinculação da escola Paulista que tem como base o romantismo e o historicismo da Europa Continental, da Alemanha e da França.

Mas existe também, nesse momento já consolidado, uma geografia positivista que está mais ligada a um pensamento anglo-saxão e não era uma geografia ecológica mas uma geografia econômica. O pensamento anglo-saxão incorpora um pensamento alemão renovado e nasceu ligado às áreas marítimas e atlânticas da Inglaterra e da América do Norte, por fim é uma geografia social que surge ligado ao Marxismo e as áreas periféricas do mundo onde o marxismo efetivamente deu resultado práticos.

Essas alternativas elas estão inseridas no movimento de longa duração do pensamento geográfico como cita o Boudeville<sup>1</sup>:

“Vindo de quatro cantos do horizonte eles, homens e mulheres do mundo, convergem para o caminho de construção deliberada do espaço humanizado”

Que ele quer entender por “construção deliberada”? A construção racional, é como se o homem pudesse fazer de alguma maneira o que quisesse com o espaço, mas nem sempre foi assim.

“Anteontem acompanhava-se inconscientemente aquilo que se dá o nome de natureza, as pessoas viviam na natureza sem refletirem sobre ela, acompanhava o seu movimento. Ontem precendia-se em conformidade com ela de maneira consciente aplicada”

Ou seja, a ciência apesar de consciência do funcionamento da natureza ainda assim se submetia, se via submetida, aos movimentos naturais.

“Hoje em dia nosso poderio cresceu de maneira tão considerável que já não podemos contar com regulações externas aos nossos próprios atos cabe-nos a nós a tarefa hora de proteger a natureza, hora de orientá-la para os caminhos que nos parecem favoráveis, tornando nos de certa forma responsáveis pela evolução”

Então de alguma maneira o movimento geográfico, a ciência geográfica, ela acompanha essas duas últimas fases. Há uma ciência em parte ela pensa os movimentos da natureza, mas vê a sociedade subordinada à natureza, em um segundo momento já ligado a geografia positivista, ela vê a sociedade e a ciência ajudando-a a dominar essa natureza e dar os rumos da natureza aquilo que ela deseja.

Então isso também de alguma maneira nos toca porque se a gente entende que a geografia paulista se filiou a geografia ecológica a partir de 1935 ela fez isso dentro de um movimento conservador, na minha opinião, quando justamente essa escola ecológica passa a ser praticamente superada por perspectivas mais modernas, que seria essa terceira fase que o Boudeville descreve.

A questão que fica talvez é: por que o Brasil, liderado pela Escola Paulista, entrou no movimento geográfico global na retaguarda do processo de transformação epistemológica da geografia? Será que a gente pode relacionar esse movimento conservador com a própria dificuldade de ocupar o espaço brasileiro mesmo que partindo de alguns pontos privilegiados como são o próprio São Paulo? Então me parece que a dificuldade de dominar um espaço brasileiro também tem efeito sobre a construção geográfica que se faz aqui.

A minha apresentação vai ser dividida em três partes: a geografia moderna e o Brasil, a presença de Pierre Monbeig no Brasil e a formação da Escola Paulista. Então passando pra primeira parte, eu vou fazer uma análise contextual e racionalista da formação da Geografia na Europa Ocidental a partir de 1870.

Bom a Alemanha, ela vive um bom problema, ela vive um problema positivo que é um problema de crescimento industrial que com pouco espaço de expansão e ela não tem, apesar desse desenvolvimento industrial importante, ela não tem influência política europeia que correspondesse a sua força econômica. Então intelectuais, diversos campos, eles passam a se dedicar a essa problemática econômica e política de dominação de um espaço.

Friedrich Ratzel é um biólogo que se converte a geografia e se pergunta quais seriam os fatores geográficos que levariam ao crescimento de um Estado. E porquê fatores geográficos? Justamente porque a gente tá falando de um processo de poder que deve ser estabelecido na longa duração e com alguma estabilidade.

Então os fatores geográficos são vistos como permanentes as conjunturas históricas e portanto com condição de garantir a força do estado no sistema mundial.

Ratzel de alguma maneira responde essa pergunta “como a Alemanha vai se tornar uma potência através do espaço?” dizendo que todo Estado precisa ter um espaço vital, um espaço em que ele retire recursos, ou seja recursos naturais, uma população unida e uma boa organização regional, ou seja, uma organização desse espaço que possibilite uma fluidez no território.

Depois que Ratzel publicou as suas principais obras e depois também que a Alemanha opta por incluir a geografia no currículo do ensino básico, ocorre a guerra franco-prussiana em 1870 entre a França e Alemanha pelos recursos do Reno, a guerra em que a Alemanha sai vitoriosa.

Isso gera, na opinião de um historiador francês, um sentimento de horror e admiração na França. Horror porque eles perderam a guerra, evidentemente, e admiração porque eles buscam os motivos pelo qual a Alemanha os venceu. Impressionou alguns políticos intelectuais franceses o conhecimento que os soldados alemães demonstraram sobre a França no campo de batalha. Em seguida, a França faz uma enquete nacional tentando descobrir quais são as condições geográficas do ensino francês e as consequências são desanimadoras. E é nesse contexto que surge a primeira cadeira de Geografia Universitária na França em 1870 em Nancy que é ocupada pelo geógrafo francês Paul Vidal de la Blache.

É nesse contexto que se associa então a aparição da geografia moderna, e que alguns autores brasileiros da geografia crítica associaram a aparição da geografia moderna ao colonialismo como por exemplo Antônio Robert de Moraes Mas eu prefiro associar a formação da geografia moderna pelas razões que eu demonstrei com o estado nacional, ou seja, alguns estados nacionais colonialistas e outros não. Então é possível dizer por exemplo que a geografia moderna, ao modo como ela nasce pensando poder, ela foi usada também por países periféricos que não tinham colônias propriamente ditas, mas tinha um sentimento nacionalista de construção do Estado. Então me parece que seria mais correto dizer que a geografia moderna nasce ligada a formação do Estado Nacional do que, estritamente, ao colonialismo.

Então o projeto de Vidal de la Blache na França visava catalogar exaustivamente o estado do mundo, os seus meios naturais, o uso dos seus recursos por sociedades tradicionais e industriais, mas ele não foi um seguidor fiel do método criado pelo Ratzel. Na verdade, enquanto o Ratzel era um biólogo, um biólogo com formação, com sólida formação positivista e portanto dialogando mais com o determinismo

geográfico com as causas necessárias da geografia, o Vidal de la Blache era um historiador.

Isso determinou que o Vidal de la Blache imaginasse uma relação entre as sociedades e o meio ambiente não por uma relação de ordem causal necessária, direta, determinista, mas por uma série de eventos históricos que iam, não só se acumulando mas também que as construções sociais iam mediando e iam diminuindo as influências geográficas ao longo do tempo.

Então no movimento que ele cria na França, ele quer colocar a teste a análise determinista da geografia, ele quer criar outras relações causais na geografia. Ele não está seguro sobre a validade do determinismo geográfico e entre a necessidade da ligação entre os recursos ambientais e um grande estado e um estado poderoso de maneira que ele se pergunta "o meio ambiente forma a vontade política de um povo? E como que dá essa influência?". Então para dizer que, na minha opinião, existem diversas relações causais na geografia umas são deterministas e outras não são deterministas.

Aprofundando nessa questão das relações causais da Geografia, na minha opinião existem... Ah bom, aqui são as viagens que o Vidal de la Blache fez, ele foi principalmente para os Estados Unidos, para França e pra África do Norte e ele percorre todo o mundo através da observação da paisagem e os trabalhos de campo. Aí pode passar. ((avisa para mudar o slide))

Bom, na minha opinião então, existem três tipos de relações causais da Geografia que dividem as diferentes Escolas da Geografia Europeia. Por quê eu estou salientando essas questões das relações causais? Porque, na minha opinião, o Brasil vai ter uma razão geográfica própria e é isso que eu vou tentar demonstrar até o final da minha palestra se eu tiver sucesso.

A Escola Anglo-saxã que se encontra na Alemanha, como eu já disse, tinha por base maior o positivismo. Então eles procuram, no primeiro exemplo lá ((aponta a tela)), uma relação direta, necessária entre os fatores geográficos. Então o fator geográfico "A", sempre resulta numa consequência "B".

Por exemplo, é uma lei geográfica: um Estado grande precisa de recursos ambientais, é uma... é um, digamos assim, tenta-se traçar leis geográficas e Ratzel tentou traçar lei geográfica sobre o crescimento do Estado.

Já a Escola Francesa, ela era possibilista num primeiro momento e num segundo momento ela pensa uma relação estratigráfica que eu vou explicar.

A Escola Possibilista pensa que o fator geográfico "A" pode resultar numa consequência social "B", ou "C" ou "D". Não há uma relação de necessidade, há uma relação de possibilidade. Então, daqui a pouco eu vou entrar nessa questão da racionalidade ... da extratividade

A Escola Francesa Possibilista ela também pensava as dimensões sociais, de maneira possibilista e se acumulando sobre a terra a imagem da geologia das camadas que se sobrepõem na terra. Só que ela transfere isso num tipo de relação social, ou seja, sob o solo se apoia a geografia física sobre a qual se apoia um gênero de vida aos povos tradicionais, as primeiras etnografias sobre a qual se constrói a geografia da população, a geografia agrária, a geografia urbana, a geografia econômica e a geografia política.

Então, através desses acúmulos vão sendo construídas estruturas sociais que vão cada vez mais mediando as influências geográficas, transformando elas menos necessárias mas ainda assim presentes através dessa sequência de acúmulos digamos assim.

Bom, o Vidal de la Blache conseguiu que seus alunos ocupassem as principais Cadeiras Universitárias da Geografia à medida que essas cadeiras iam se formando. A sua morte ocorre em 1918, quando um vasto panorama geográfico já tinha sido elaborado. Só que ocorre que o território francês ele tinha sido largamente estudado por esses geógrafos franceses através das monografias regionais, em que cada geógrafo estudava detalhadamente cada região francesa, enquanto que o mundo que foi o projeto editorial da Geografia Universal ele estava sendo conhecido a distância.

De forma que os novos discípulos do Vidal de la Blache eles estimulavam uma terceira reação geração a participar dum movimento de expansão geográfica internacional, e é nesse contexto que o Pierre Momberg veio pro Brasil estudar em campo o que era a geografia moderna no Brasil e o espaço brasileiro. Pode passar. ((avisa para mudar o slide))

Eu vou dar um salto grande aqui, mas, aposto que esse geógrafo tinha estudado largamente a França e também algumas partes do mundo, o próprio Vidal de la Blache já tinha consolidado uma hipótese geográfica sobre o Brasil. Na verdade era uma hipótese geográfica para todos os países de passado colonial, como o Brasil e a África. Então havia a hipótese de um desajustamento entre os processos sociais e o meio ambiente nos países de passado colonial, construindo um ambiente social que era visto como artificial em relação aos recursos locais.

Então o Brasil aparecia pra esses geógrafos franceses quase como uma anti Europa, um antimediterrâneo, um lugar em que as relações geográficas e os processos sociais se relacionavam como em todo mundo legitimando então a análise ecológica, mas se relacionava de maneira específica, ou seja, em desacordo, as estruturas sociais estavam em desacordo e desarmonia com o meio geográfico. O Brasil representava uma situação geográfica que era uma antítese da geografia tradicional que pensava a relação harmônica e acumulativa entre meio

ambiente e os fatores sociais, uma situação na verdade que poderia contrariar a tal tese ecológica se os geógrafos não tivessem dispostos a construir um novo tipo de ecologia que estava sendo, ou de razão ecológica, que pudesse estar sendo pensada a partir do Brasil. Então, por exemplo, o Vidal de la Blache vai falar nessa citação

“Lembremo-nos qual foi, do século XVI ao XVIII, a extensão nas Índias Ocidentais e ao Sul do futuro Estados Unidos, das chamadas plantations. Áreas que poderiam ter alimentado numerosas populações se encontravam subtraídas de suas funções naturais. Sua fertilidade era confiscada em proveito de determinados produtos especiais de alto preço no mercado.”

Ele tá falando do colonialismo, tá falando da produção monocultora.

“E, como não é impunemente que se substituem as condições naturais pelas artificiais, este regime engendrou, entre outras consequências, o tráfico de escravos (...). As mesmas causas, felizmente em outros lugares desprovidos dessas consequências extremas, continuam a atuar nos dias atuais. Sabe-se que o estado de São Paulo, no Brasil, tornou-se o principal centro produtor de café. As terras-roxas dos campos, solo fértil que favorecia a agricultura alimentar, estão quase todas voltadas para aquele produto. (...) Produzindo em massa, manipulado no próprio lugar e transportado em direção ao ponto menos longínquo para diminuir o frete, o café regula toda a existência da população. O porto de Santos, em direção ao qual ele é encaminhado, tem um dos litorais mais nocivos do mundo à saúde, um lugar tocado pela febre amarela” (Vidal de la Blache, As condições geográficas dos fatos sociais, pp. 96-97.”

E foi ao redor do Porto de Santos que nós construímos a civilização brasileira.

Bom, nesse ponto é importante dizer que a própria Geografia Global tava passando por um processo de transformação. A Geografia Anglo-saxã, que veio da linha de Ratzel, tinha passado por uma transformação importante. To falando de outra escola, ela deixava de ser uma escola ecológica e passou a ser uma escola estritamente econômica. Então, geógrafos americanos como o Isaiah Bowman chegaram finalmente a conclusão que o meio ambiente já não agia sobre as condições humanas no sentido de forçar uma adaptação. Para eles, na verdade seguindo o exemplo do que tinha sido a ocupação do oeste dos Estados Unidos, o

meio ambiente não entrava mais como uma paisagem, mas entrava com um recurso no interior de relações econômicas.

Havia também o contexto da Primeira Guerra Mundial, em que os geógrafos tinham como deuses, os geógrafos políticos, retraçados as fronteiras do mundo. Ou seja, o mundo, a gente, a natureza já não nos diz o que fazer, nós fazemos dela o que nós queremos. Cria-se então um outro tipo de causalidade geográfica, que era uma causalidade sistêmica circular em que o meio ambiente entra como recurso, não como meio, não como paisagem, e interage com outros fatores econômicos.

Então o que surgia no Brasil era afinal essa frente pioneira moderna, artificial em relação aos recursos do meio ambiente ela funciona à maneira acumulativa, ecológica, estratigráfica ou ela funcionaria à maneira sistêmica? O que que vai lhe dizer? O mercado do café que se organiza através de São Paulo, ele ainda guarda alguma relação com o ambiente do Brasil?

Bom, indo pra segunda parte, sobre a presença de Pierre Monbeig no Brasil. A partir desse impasse que o Brasil representa na verdade na geografia mundial, mais ou menos isso que tá colocado, né? Então, o que eu escrevi até aqui é o resumo do estado da arte da Geografia Moderna e suas hipóteses sobre o Brasil, eram de alguma maneira questões que estavam colocadas não apenas pro Brasil, mas pro mundo. Ou seja, o que estrutura o espaço brasileiro? Qual lógica causal estrutura o espaço brasileiro? Uma lógica ecológica estratigráfica ou uma lógica econômica e circular?

Bom, o Pierre Monbeig chega ao Brasil em 1935 participando da missão Francesa e decide fazer justamente uma tese sobre o avanço do café a partir do Porto de Santos do Estado de São Paulo, seguindo talvez a hipótese vidaliana de que nós tínhamos organizados artificialmente o nosso espaço em desrespeito às condições naturais que favoreceriam uma civilização própria.

A ideia de Franja Pioneira remetia na época a ideia do avanço do Mercado Global em terras brasileiras através do café, tratava-se então de um dismantelamento do modo de vida tradicional dos gêneros de vida e de reorganização da sociedade da população em função exclusiva da produção para o mercado. A Franja Pioneira avançava ... Aqui é o mapa do Norte de São Paulo e Norte do Paraná. ((aponta a tela))

Então a franja pioneira avançava por São Paulo, saindo do Vale do Paraíba próximo ao litoral. Aqui não tem um mapa, então vocês vão ter que exercer aí a imaginação geográfica. ((aponta a tela))

Ela subiu em direção a Campinas e em direção a Ribeirão Preto, e depois ela inflexionou em direção ao Norte do Paraná. Este foi o caminho do café, saindo

então do Vale do Paraíba, do porto de Santos, subindo Campinas, Ribeirão Preto e inflexionando para Marília.

O Monbeig então tentou explicar, a razão desse desenho pioneiro no mapa, era uma maneira de tentar compreender quais eram os fatores que influenciavam a estruturação do espaço brasileiro. Ao chegar ao Brasil o Pierre Monbeig percebe que a hipótese do Vidal de la Blache era pertinente, mas ele decide preservar ainda mais a abordagem ecológica, talvez mais do que o Vidal provavelmente teria preservado e do que os positivistas econômicos tinham já descartado. Para ele o desenvolvimento do espaço brasileiro era verdade que se dava, de maneira inversa ao espaço Francês, Europeu e Mediterrânico. Ou seja, o Brasil nasce como um território moderno diretamente ligado ao mercado global.

Então o que na Europa era super estrutura econômica, no Brasil era a origem da organização do nosso espaço, ou seja, ele nasce como um movimento inverso. Na Europa o espaço nasce do meio físico do campo à cidade, no Brasil a cidade vinha primeiro, nascia então da cidade ao campo.

O movimento moderno, de organização moderna, então não tinha um desenvolvimento de baixo para cima, do solo à superestrutura, mas da superestrutura ao solo, a organização do ambiente físico. Por isso que o Vidal de la Blache chamava isso de um espaço artificial.

Além disso, no Brasil a franja pioneira era um movimento contínuo no território, era uma franja aberta, era um processo que na Europa já estavam estabilizados. Os mercados, eles não eram móveis, enquanto no Brasil os mercados eram móveis. A questão que fica é, essa superestrutura guarda a relação com o meio ambiente? E de que tipo? Eu repito.

Por fim, o Pierre Monbeig observou que na frente pioneira o que avançava na vanguarda dessa frente era grande propriedade e justamente quando o café se desinteressava pelos espaços que estavam na retaguarda era que nascia a pequena propriedade. Ele chamou isso de um movimento conservador, ele chamou isso de uma mentalidade bandeirante. O que avança no Brasil é o monopólio de terras e as grandes fazendas, de alguma maneira ele constatava que o capitalismo não era um fenômeno endógeno mas exógeno socialmente conservador e sobretudo super estrutural nas camadas superiores da sociedade.

Depois de 10 anos de estudo eles chegam a algumas conclusões para, finalmente, responder o que estrutura esse espaço brasileiro. Então eu vou reforçar aqui que havia nesse momento uma disputa entre as abordagens ecológicas e positivistas que colocava a questão de “como que nós explicamos o mercado?”. Finalmente, se esse Mercado Global que avançava ele poderia só entender um ambiente como um fator econômico ou como uma paisagem que condiciona a organização do espaço.

E o Monbeig de alguma maneira tentou defender a escola francesa, a escola ecológica. Ele achava que a franja pioneira tinha um relacionamento com o meio ambiente que mesmo que não fosse igual ao relacionamento dos camponeses franceses, aqui não existiam camponeses, ainda assim se adaptavam ao lar do espaço e também ao meio ambiente brasileiro.

Então a franja Pioneira não deixava de se relacionar com o meio ambiente por ... apesar de ser super estrutural, ela não deixava de se relacionar com o meio ambiente e ela fazia isso através da ancoragem pontual no espaço

Então os nós das ferrovias elas representavam essas ancoragens pontuais que a franja pioneira se ancorava no espaço, no ambiente, Brasileiro. Ao mesmo tempo ele percebe que o capitalismo que desenvolve no Brasil ele desvia dos obstáculos que exigiriam mais capital, mais mão de obra e mais força social no sentido largo, evitando uma transformação mais importante do espaço tropical.

Assim o desenho da franja pioneira é um desenho típico de uma lógica puramente extrativista. Por que, afinal, por quê que a franja pioneira não subiu para o norte de Minas e inflexionou para o Paraná? Justamente porque lá o clima era mais acentuadamente tropical.

Então, as franjas pioneiras, o avanço do mercado global do país continuavam a ser condicionados pelo clima e pelo relevo, mas em outros sentidos. Ela se ancoravam em istmos, em nódulos, em cidades e fugiam dos obstáculos ou dos lugares onde ela encontrava mais dificuldade de exploração.

De alguma maneira, o que ele nos está dizendo também é que toda vez que esse mercado brasileiro tinha tinha necessidade de construir uma civilização ele desviava ele ia para os lugares onde havia recursos.

Então seria justamente o enfrentamento dessas dificuldades ambientais que construiriam uma sociedade local e no caso do mercado do café isso não acontecia. Então a franja pioneira toca o solo de maneira superficial fazendo quase que uma pinça sobre os recursos e não transforma esse ambiente socialmente gerando o atraso. De alguma maneira, Monbeig usa a abordagem ecológica para explicar o subdesenvolvimento brasileiro.

Então tinha uma relação ecológica específica da frente pioneira com o ambiente brasileiro, não era uma transformação profunda do meio ambiente tropical em direção a estrutura social mais complexa. E o Monbeig vai dizer que essa frente se relaciona com o meio ambiente com as seguintes características:

Ela é cíclica sistêmica, ele concorda que o mercado tem uma lógica sistêmica e de uso de recursos, e ela é determinada pelo ciclos do mercado global. Mas ela também é aberta, ela tá em movimento e ela busca sempre terras novas, terras que não estão desgastadas, desviando dos obstáculos.

Ela é semi-ecológica, ou seja, ela considera os condicionantes do meio físico geográfico, mas o toca de forma superficial em ancoragens. E ela desvia dos obstáculos.

Ela é situacional porque deve se manter relativamente ao Porto de Santos, pois as relações globais são mais importantes do que a transformação local. Ela é instável, ou seja, ela vai e volta em função da presença de recursos e as populações, aliás, os trabalhadores ficam também indo e voltando na franja pioneira de acordo com aquecimento do mercado global nesse espaço.

E ela é conservadora porque ela acumula riqueza na frente, na vanguarda, ela acumula riqueza por um grupo pequeno na vanguarda e ela apenas distribui o desenvolvimento na retaguarda com aparecimento da pequena propriedade.

Com essa análise o Monbeig inventa novas formas causais para geografia francesa a partir do Brasil.

Bom o fato é que a franja pioneira, ela leva em consideração um fator ambiental muito importante que é o esgotamento dos recursos no solo. Além dessa ancoragem específica nos nós das redes ferroviárias, o que normalmente segue os grandes espigões dos planaltos porque eram as áreas em que elas poderiam se expandir, ela desvia dos obstáculos. E a franja pioneira ela só é dinâmica porque toda vez que os solos se desgastam ela é obrigada a avançar ainda mais por novas terras roxas, por novos recursos. Então no final forma-se, para o Pierre Monbeig, círculos dentro círculos, circuitos dentro de circuitos. Então ela vai e avança conforme os ciclos de renovação do solo quando tem recurso, quando tem terra roxa ela avança, quando o recurso se esgota todo o movimento volta para cidade de São Paulo formando industrialização residual, se o mercado se aquece novamente e tem novos recursos ambientais ela novamente avança.

Então ela cria esse movimento sistêmico de avanços e recuos, mas ele é aberto justamente porque ele depende das condições ambientais. Ao mesmo tempo isso, na minha opinião, explica o atraso da industrialização gerando subdesenvolvimento como eu já disse. Assim o subdesenvolvimento ele também é gerado na explicação do Monbeig por uma relação com o meio ambiente. O desvio das barreiras mais importantes, pois o desvio das barreiras mais importantes desse espaço tropical demandaria mais esforço do que o contato pontual com alguns recursos ambientais que estão espalhados pelo Estado de São Paulo, ou seja, o Pierre Monbeig acredita então que, a franja pioneira ela é sistêmica, mas ela se constrói sobre uma região natural seguida por uma sobreposição de uma região geográfica e uma região econômica que engloba todas essas estruturas geográficas.

Aqui embaixo existem relações causais e aqui em cima uma relação sistêmica da franja pioneira com ancoragens através da cidade, uma grande cidade, umas cidades menores.

Então, as cidades ancoram no espaço essa relação sistêmica do mercado. Isso pode parecer um pouco bobo hoje, mas na verdade naquela época era uma grande descoberta da Geografia Francesa no Brasil conseguir articular a relação sistêmica do mercado com as estruturas que estavam colocadas, com o meio ambiente, abaixo delas.

Agora eu vou para terceira parte, não ainda não ...desculpa, pode passar por favor. ((avisa para mudar o slide))

Então verifica-se que as teses dos alunos de Monbeig, assim ... bom então o que eu descrevi até aqui é uma síntese do que a ciência geográfica global tinha acumulada a partir do Brasil, quando os alunos do Monbeig, todos paulistas, começam a fazer suas teses de doutorado quase ao mesmo tempo que o Monbeig faz a própria tese. Aqui eu passo para a terceira parte a título de finalização dessa aula.

Então, no Brasil o Pierre Monbeig tá elaborando a sua tese sobre as franjas pioneiras ao mesmo tempo que está formando alunos, então ele transformou esse movimento num processo extremamente horizontal, em que ele promoveu uma divisão de trabalho entre ele e os seus alunos.

Então começando pelo litoral, a gente tem o estudo da Maria Conceição Vicente de Carvalho onde tem-se, digamos assim, a primeira zona de avanço das relações econômicas. Ela tá falando da região do Ribeira e de Ubatuba, São Sebastião, que ainda que não foi um movimento liderado pelo café, mas também um primeiro ...uma zona de decadência desse espaço econômico

Em seguida, João Dias da Silveira vai estudar os contrafortes ocidentais da Mantiqueira, próximos ao Vale do Paraíba e a primeira região que o café decidiu não avançar, inflexionando para o Paraná. Então evitou Minas Gerais, digamos assim, só depois entre o próprio trabalho do Pierre Monbeig sobre os avanços das franjas pioneiras em São Paulo e no Norte do Paraná.

E por fim o trabalho da Nice Lecocq-Muller sobre o processo de envelhecimento das terras pioneiras, ou seja, depois que o café abandonava essas áreas o que restava lá? E ali se descobriu, a Nice Lecocq-Muller e também o Pierre Monbeig, que quando o mercado global se desinteressava pelos recursos ambientais e abandonava aquelas áreas surgia um esboço de uma civilização econômica local com pequena propriedade, com policultura. Por isso que ele chamava isso de conservador, porque o avanço era monocultor e o envelhecimento era de pequena

propriedade e policultura ao contrário do que aconteceu nos Estados Unidos na franja pioneira também em que o avanço foi da pequena propriedade, ou seja, distribuiu terras de maneira mais importantes do que aconteceu no Brasil.

Então todos os trabalhos convergem para a mesma questão porque o oeste paulista se tornou palco do avanço do café a despeito dessas outras áreas que eles estudavam? Quais são os critérios espaciais, portanto, do avanço do capitalismo no Brasil? Então verifica-se que as teses dos alunos de Monbeig são do tipo que eu vou chamar de verificadoras. Então, na verdade, elas visavam a confirmar através de novas regiões algumas caracterizações do próprio Monbeig.

Não houve, do meu ponto de vista, um avanço de tipo racional nas teses da Escola Paulista em relação ao que o Monbeig já havia feito, mas era justamente conseguir manejar essas novas razões geográficas, ou seja, a fusão entre uma abordagem estratigráfica acumulativa e uma abordagem sistêmica isso é... me parecia ainda assim um desafio muito importante na época

Então, verifica-se a tese da Maria Conceição Vicente de Carvalho confirma a hipótese de Monbeig de que o capitalismo no mercado global desviaram de alguns espaços no Brasil por razões da presença de determinado ambiente físico. Então, por exemplo, ela vai falar

““O litoral do Estado de São Paulo que se estende de Ubatuba a leste, até [ficou ilegível no documento] a oeste, descrevendo uma larga curva, é uma zona de povoamento antigo que, no entanto, apresenta hoje pequenas densidades de população. Foi nela que se iniciou a ocupação portuguesa em caráter permanente e, desde as precárias condições em que se processou o povoamento da colônia, possuía nos primeiros séculos apreciável cabedal humano. Quais as razões de permanecer reduzido o povoamento dessa área em relação às demais regiões...””

Tá falando do Vale do Ribeira, do litoral.

““sobretudo no planalto, cuja ocupação foi mais tardia? Até hoje ela é uma zona de povoamento de passagem, e se considerarmos que apenas uma estreita faixa do continente está ocupada, ainda mais estranho pode parecer esse fenômeno, essa orla litorânea desocupada e vazia.””

Então o capitalismo brasileiro ele saltou o litoral, ela tá tentando explicar por que isso aconteceu.

Carvalho descreve uma região de solos aluvionais, clima úmido e quente, de chuvas torrenciais, alás como aconteceu recentemente. relevo desfavorável, bastante íngreme, separada do litoral do interior por uma imponente Serra. Este litoral é composto por duas formações bastante diferentes, com a cidade de Santos como ponto de cruzamento e transição, ambos pra ela hostis à ocupação humana.

Ela vai explicar na segunda passagem:

““Não dispondo de hinterland para abastecer-lhe o comércio, com as terras esgotadas depois de alguns anos de cultivo, com um clima depauperante a moléstias para afugentar a imigração, o litoral decaiu, as cidades estagnaram-se, reduzidas às suas próprias forças””

Então na verdade ela tá explicando o não surgimento do mercado também por razões ambientais, então toda essa escola tá preservando a abordagem ecológica para pensar a formação desse espaço brasileiro mesmo que eles se vem obrigado a pensar o mercado mundial com a sua própria lógica dentro de um circuito sistêmico.

O João Dias da Silveira também apresenta uma tese verificadora e, tal como Carvalho, evoca uma questão ambiental, e eu cito:

““Na generalidade, trata-se de uma região de costas elevadas, dentro do comum de nossa topografia” (SILVEIRA, 1946, p. 9). Tal como o litoral, a zona carece de linhas de continuidade, diferente do que se verificou no planalto estudado por Monbeig (SILVEIRA, 1946, p. 10). A declividade começa muito forte a leste e vai diminuindo a oeste, em direção à zona do café. O café não suporta a alta declividade, por conta das geadas (SILVEIRA, 1946, p. 34).””

Então o café não se generaliza em Minas Gerais, ele vai falar “O inverno rigoroso com consequentes geadas, defendem a agricultura primitiva” (SILVEIRA, 1946, p. 64). Essas regiões então possuem menor densidade, então toda a área continua ocupada por uma população antiga de núcleos isolados, grandes latifúndios que ele chama de primitivos e ele vai finalizar dizendo:

““Muitos núcleos se formaram nessa área (...) e viveram como os demais, de uma atividade puramente local dentro de uma economia sem comércio externo. Quando a região ganhou maior vigor e surgiu a cultura de expansão, com interesse externo, então se estabeleceu o domínio dos centros melhor

colocados, daqueles que mais satisfaziam as exigências das comunicações” (SILVEIRA, 1946, p. 60).”

Então, na verdade, eles estão exercitando um raciocínio ambiental, ecológico, estratigráfico e tentando encaixar a organização do mercado global nesse ambiente. Ele vai falar que o mercado global, o avanço do café, vai preferir então os espigões dos planaltos justamente por ter maior hinterland e facilidade de comunicação.

Por fim eu adentro a terceira, a título de conclusão, tese que é da Nice Lecoq Müller, de importante significação, na verdade, para a problemática dessa seletividade ambiental da modernização do território. Essa tese foca-se no mundo rural do Estado de São Paulo, como eu disse, após as primeiras crises do café na zona pioneira e ela vai falar aqui. Então é nessas regiões velhas onde aparece a policultura, a pequena propriedade, nessas regiões em que o café já não se interessa, que ela chama de envelhecimento da região. E ela vai falar que ““O ‘pivot’ dessa transformação foi o fracionamento da propriedade e o desenvolvimento da policultura”” (MÜLLER, 1951 [1946], p. 13).

Então ela vai falar que todas essas áreas em que o café se desinteressa no Vale do Paraíba, Campo de Jordão, Iguape, Registro ou ainda de São José dos Campos, Campinas, São José do Rio Preto e etc. Aparece então a pequena propriedade e esse novo sistema produtivo vai selecionar áreas que antes eram ocupadas pelo café, ou seja ainda tem um modelo do espaço organizado pelo café, mas que mesmo assim foram escolhidas em função do desinteresses que o café gera nessas áreas e é nesse momento que, para Nice Lecoq Muller, vai aparecer a pequena propriedade no Brasil. Ou seja, depois que o espaço foi colonizado em função dos interesses no mercado, há um processo de construção de uma sociedade com raízes ao seu próprio meio ambiente. Então, segundo a Nice Lecoq Muller, é só a partir do século XX que o sitiante encontra um ambiente propício ao seu aparecimento, justamente porque o café não se interessa mais por essas áreas.

E a Muller esboça uma conclusão que, apesar da região de policultura ter origem na presença do café, inicia-se um processo de ambientação mais importante entre os grupos sociais da sociedade e o meio ambiente. Ela por exemplo vai dizer ““É interessante notar que a subdivisão de terra parece ter mais relação com os fatores fisiográficos nas regiões de povoamento antigo do que nas de recente”” (MÜLLER, 1951 [1946], p. 52).

Ou seja, é só na retaguarda do processo, depois de 40 anos de avanço da franja pioneira, que a sociedade brasileira começa a construir o mercado local uma ambientação ao seu ao seu espaço. Ou seja, ela quebra aquela artificialidade que o Vidal de la Blache tinha descrito no começo da hipótese dele da geografia moderna. Ou seja, a tese ecológica finalmente se coroa e se torna importante para pensar a questão do subdesenvolvimento e depois do desenvolvimento brasileiro.

Bom, eu queria concluir então dizendo que a Escola Paulista não deixou de colocar acento na tradição ecológica, mas procurou formas de caracterização e mesmo uma razão geográfica que conciliasse a evolução da natureza, do meio ambiente, de uma maneira estratigráfica do acúmulo histórico com a abordagem econômica e sistêmica.

Geógrafos americanos, como Isaiah Bowman, preferiram ressaltar nos Estados Unidos que a conquista do meio-oeste americano não ocorreu no sentido de adaptação, mas com pleno uso da técnica na transformação dos espaços. Ou seja, foram levados irrigação para as áreas desertas, enfim toda uma transformação em função do investimento de capital e de técnica. Ao contrário disso a ideia do Vidal de la Blache, de que o mercado global construía um ambiente artificial exclusivamente pautado pela extração de recursos, depois começou a ser refinada no Brasil como um exemplo, imagino que também em outras partes do mundo, por geógrafos que tentaram pensar então como o mercado global se adaptou, em todo esse processo de construção, ao meio ambiente brasileiro.

Bom, não vou repetir aqui as principais conclusões, só dizer que essa Escola Brasileira e essa Escola Paulista parece ter realizado um movimento de fundição da escola ecológica com a escola positivista e, na minha opinião, esse movimento só foi possível porque ele ocorreu no Brasil que era um espaço que estava sendo ocupado pelo mercado global no começo do século XX.

Então, ao procurar esses encaixes finos entre as duas formas geográficas muito diferentes do pensamento geográfico, na minha opinião, houve quase uma fusão completa entre abordagem ecológica e abordagem positivista ao mesmo tempo que ajudou a explicar o atraso, ou subdesenvolvimento, mas também, posteriormente, o desenvolvimento tardio brasileiro. Então ela não abriu mão de pensar aspectos de transformação da sociedade moderna, ao mesmo tempo que como essa a sociedade moderna se encaixava nessa história ecológica ambiental de longa duração .

Bom, é a questão que fica colocada pra mim, pras próximas gerações de geógrafos, então foi desenvolver outras alternativas do raciocínio geográfico, ou seja, tanto no Brasil, tanto abordagem econômica positivista, como na abordagem social marxista coisa que o Manuel Correia de Andrade vai fazer. Então isso já não se deu mais na Escola Paulista, mas no âmbito da Constituição, de uma Escola Nacional de Geografia. Também restou necessário entender, na minha opinião, outros quais eram os mecanismos dinâmicos geográficos de áreas que não tinham sido afetadas pelo café, como por exemplo nordeste o açucareiro e cacauero e como ela se reproduziam no tempo.

Então essas próximas gerações, como por exemplo Manuel Correia de Andrade, vão construir geografias para além da Escola Paulista, para além de São Paulo e com outras abordagens teóricas. Por fim, eu acho importante dizer que a análise do pensamento geográfico, ela ainda se comporta hoje, muitas vezes, como se essa ciência fosse um bloco compacto e, no entanto, eu vejo ela como importante distinções e que a Geografia Paulista vai se tornar uma das alternativas da Geografia Nacional, ao mesmo tempo que conseguiu elaborar uma razão geográfica específica do Brasil que também tinha alcance global

Muito obrigada.

<sup>1</sup>Jacques Boudeville

Agradeço à FAPESP pelo financiamento à pesquisa cujos resultados permitiram a elaboração deste artigo. Processo nº 2020/05637-0 (bolsa no país), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.